



Universidade de Brasília  
Instituto de Artes  
Departamento de Artes Cênicas

A TRADIÇÃO E A CENA – A FOLIA DE REIS EM POXORÉU COMO PRÁTICA  
PEDAGÓGICA NA EDUCAÇÃO BÁSICA

SANDRA SOFIA SOL DA SILVA

Primavera do Leste- MT

2014

SANDRA SOFIA SOL DA SILVA

A TRADIÇÃO E A CENA – A FOLIA DE REIS EM POXORÉU COMO PRÁTICA  
PEDAGÓGICA NA EDUCAÇÃO BÁSICA

Trabalho de conclusão do curso de Teatro,  
habilitação em Licenciatura do Departamento  
de Artes Cênicas do Instituto de Artes da  
Universidade de Brasília.  
Orientador Prof. Dr. Jorge das Graças Veloso

Primavera do Leste

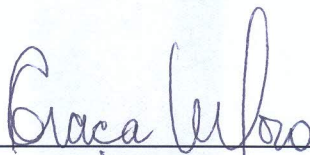
2014

SANDRA SOFIA SOL DA SILVA

**A TRADIÇÃO E A CENA – A FOLIA DE REIS EM POXORÉU COMO PRÁTICA  
PEDAGÓGICA NA EDUCAÇÃO BÁSICA**

Trabalho de conclusão de curso aprovado, apresentado a UnB - Universidade de Brasília, no Instituto de Artes, Departamento de Artes Cênicas- CEN como requisito para obtenção do título de Licenciatura em Teatro com nota final igual a MM sob a orientação do (a) professor (a) Doutor Jorge das Graças Veloso.

**Primavera do Leste-MT, 29 de novembro de 2014.**



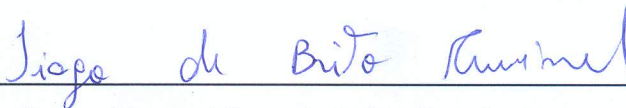
---

**Professor Doutor Jorge das Graças Veloso**



---

**Professor Mestre Marcello Girotti Callas**



---

**Professor Mestre Tiago de Brito Cruvinel**

## **Dedicatória**

Existem pessoas que fazem toda diferença. São especiais, são coloridas, são divertidas, plantam sementes da alegria, e permitem que se colham flores de sorriso e frutos doces de felicidade. São autênticos artistas de rua, sem pretensões alguma de estrelato, são astros por um dia. Pretensos seres multiplicadores da cultura popular, quase mágica transforma a rua em um palco. São mambembes? Uma trupe?. São pessoas, que enfrentam desafios, são guerreiros da alegria, gostam de cantoria.

Levam a fé aos corações amargos. Isto é sagrado. São singelos, quando enfeitam de chitas ficam belos. E vão de viva raça levando esperança por onde passa, são Joãos, Josés, Anas e Marias que se vestem de reis, rainhas, princesas, palhaços, santos e anjos e dançam, tocam, cantam, riem e choram. Fazem da cultura popular uma apresentação, linda e sutil.

A estes dedico minha grafia, minhas linhas, meus parágrafos, meu texto e meu contexto. Meus rascunhos, meu coração. Aos Foliões do Reisado meu apreço.

## **AGRADECIMENTOS**

A Deus, pela força espiritual

Meus mestres, tutores que mesmo a distancia, se fizeram presentes em especial a minha tutora presencial Geane e ao meu orientador, Professor Jorge das Graça Veloso;

Meus colegas, em especial, Vilma Marinho;

Meus filhos, netos e bisneta, que são a minha razão de vida.

A minha mãe e irmãos, meu muito obrigado por tudo;

Ao Gaudêncio e o professor João de Souza, pelo auxílio material com o tema.

Ao meu amigo Osmar do Nascimento pelo incentivo e colaboração.

## **Resumo**

Esta monografia se propõe a abordar as Folias de Reis em Poxoréu/MT, a partir de sua história no País e no Estado de Mato Grosso. Um dos focos foi investigar o porquê de uma manifestação já tida como ícone de um lugar, ter se tornado tão pouco conhecida. O tema foi abordado como prática pedagógica e todo o processo que envolve a sua difusão, a partir de elementos que a valorizam como parte da cultura do município de Poxoréu - MT. Este trabalho buscou um pouco da história dessas práticas culturais no município, abordando sua origem e sua trajetória, e focando seu marco a partir da religiosidade e da crença da gente do lugar. Por objetivo, a folia de Reis como estrutura pedagógica, serviu de estímulo em um processo de criação artística, utilizando diferentes recursos, o que possibilitou aos alunos envolvidos um aprofundar de seus conhecimentos sobre a cultura local, o relacionamento com outras linguagens e suas possibilidades de (re) significação.

**Palavras-chaves:** Folias de Reis; Cultura e Tradição; Artes Cênicas.

**Figuras do Acervo do Grupo da Folia da Capela do Divino Pai Eterno.**

Figura 1: Padre Morali abençoando a folia. 2010

Figura 2: Bandeira – Senhor Nilton e Alferes da Bandeira. 2010

Figura 3: Sr. Florindo de Oliveira, vulgo, Sr. Mutuca. 2014

Figura 4: Foliões. 2010

Figura 5: A Folia no interior da Igreja. 2010

Figura 6: A Folia no Interior da Igreja. 2010

Figura 7: Foliões no Centro de Poxoréu. 2010

**Figuras do Acervo do Centro Juvenil de Poxoréu.**

Figuras de 8 a 15: Visitação a associação de garimpeiros – encontro com ex-foliões.2014.

## **SUMÁRIO:**

Introdução.....	10
CAPITULO I – Processo Histórico das Folias de Reis.....	13
1.1– A Folia de Reis em Mato Grosso.....	15
1.2 - A Folia de Reis em Poxoréu.....	17
CAPITULO II – A Folia de Reis como Manifestação Cênica.....	26
2.1 – A Folia de Reis como Patrimônio Imaterial.....	29
CAPITULO III – A Folia de Reis como Prática Pedagógica.....	33
3.1 – Encontros Pedagógicos.....	36
CONCLUSÃO.....	40
REFERÊNCIAS.....	42



## INTRODUÇÃO

Histórico e culturalmente, os homens se propuseram (e ainda se propõem) a desenvolver saberes, crenças e valores, cultuados individual ou socialmente na vida em sociedade. Entre eles, podem-se destacar os Folguedos, com especificidade para as festas de Santo Reis, tradicionais no Brasil, principalmente na região nordeste. Tais eventos marcaram de forma significativa a vida cultural de milhões de brasileiros, preponderantemente, cristãos praticantes da atividade religiosa católica.

Por outro lado, em que pese à importância destes saberes culturais, o processo de permanência destes eventos, principalmente, a reflexão e difusão nos ambientes escolares e na própria sociedade, tem perdido espaço e valor para outros saberes da modernidade, de modo que reside, neste particular, a importância desta monografia.

No intuito de levar para a sala de aula elementos que valorizem a cultura local, esta monografia se propôs a estudar o processo histórico das Folias de Reis no país, bem como sua prática na sociedade poxoroense, no Estado de Mato Grosso, além de abordar o tema como prática pedagógica e todo o processo cênico que envolve a difusão desse movimento.

É tradição na Cultura Religiosa Popular do Município de Poxoréu-MT, a comemoração do Dia de Reis, com a apresentação popular por um pequeno grupo, da Folia de Reis, da “Capela do Divino Pai Eterno”. Observa-se pouca dinâmica e descaso da sociedade na seriedade do trabalho e apoio logístico.

Ocorre que, do que se sabe, o evento perdeu forças para se reorganizar à mesma proporção de outrora. Atualmente, acontece quase que por acaso, por grupos minoritários e isolados, sem a frequência de antes. Tal fenômeno nos leva empreender o estudo para compreender as transformações ocorridas e maneira de reverter esse quadro, visando no campo pedagógico, à oportunidade de inseri-la em sala de aula com os seus ritos numa postura conceitual, metodológica e atitudinal levando o aluno a uma reflexão crítica do movimento, e de maneira buscar os saberes tradicionais da Folia de Reis em Poxoréu, relacionando-os aos saberes formal das artes cênicas e outras linguagens que englobam uma encenação. A beleza e a simplicidade e a força da religiosidade dessa gente faz com que, aflore sentimentos e procure meios para manter viva essa tradição.

Este trabalho buscará um pouco da história desse movimento cultural, abordando sobre a sua origem e sua trajetória focando seu marco no município de Poxoréo com a religiosidade e crença dessa gente. Por objetivo, a folia de Reis como estrutura pedagógica, servirá de estímulo de um processo de criação artística dentro de uma metodologia performática utilizando diferentes recursos que possibilita o relacionamento com outras linguagens.

Trazer para a escola um movimento cultural, como a Folia de Reis usando das ferramentas metodológicas da educação, é, sem dúvida, uma maneira de dinamizar esse movimento, outrora tão difundido na sociedade, além de aprofundar nossos conhecimentos sobre a cultura local e, ainda, instigar o aluno a enfrentar novos desafios no processo de criação cênica, através dos elementos que compõem essa folia. Isso possibilitará a ter uma experiência artística pedagógica eficaz.

Por outro lado, a pesquisa possibilitará a criação de um acervo bibliográfico para futuras gerações, razão pela qual, agregar valor, ou mesmo ressignificar a Folia de Reis na sala de aula, significa transformar as descobertas em documentos didáticos, até então inexistentes nas fontes de pesquisas sobre a região, mesmo aqui, Em Poxoréo-Mt, onde é perceptível uma grande diversidade cultural, principalmente devido à migração de pessoas de várias partes do país na época da colonização do lugar, percebe-se grande carência de registros e recursos que possam contribuir para um estudo e pesquisa nesse contexto.

A pesquisa foi realizada na perspectiva etnográfica qualitativa, a fim de buscar estudos, com abordagem bibliográfica e empírica. Teórica, por levar em conta vários conceitos e princípios fundamentais ao abordar livros e autores a respeito do tema e, por necessidade, levarão em consideração os depoimentos dos atores, tantos pioneiros quanto os atuais do grupo da Folia de Reis de Poxoréo, mais precisamente o da Capela do Divino Pai Eterno, o que dimensiona o caráter empírico da pesquisa. Neste sentido, a pesquisa será desenvolvida através da observação [in loco], buscando a historicidade dos brincantes, nas suas narrativas, documentários, no tempo e espaço, descrição, análise do movimento e suas dinâmicas e elaboração de questionários, fotos e registros que o grupo venha a ter.

Na Perspectiva Epistemológica, o presente estudo propiciará o conhecimento do processo de Folia de Reis no município, resgatando suas origens, desenvolvimento e suas possibilidades de revitalização, inclusive, no campo pedagógico, a oportunidade de ressignificá-la nas escolas públicas com a representação dos seus principais rituais numa

postura conceitual, metodológica e atitudinal levando o aluno a uma reflexão crítica desse movimento, através das artes cênicas. Arcoverde (2008. p.601) cita referindo-se ao teatro, porém em uma encenação de um folguedo, o aluno também poderá se valer dessas vantagens:

O aluno aprende a improvisar, desenvolver a oralidade, a expressão corporal, a imitação de voz, aprende a se entrosar com as pessoas, desenvolve o vocabulário, trabalha o lado emocional, desenvolve as habilidades [...], oportuniza a pesquisa, desenvolve a redação, trabalha a cidadania, religiosidade, ética, sentimentos, interdisciplinaridade, incentiva à leitura, propicia o contato com obras clássicas, fábulas, reportagens; ajuda os alunos a se desinibirem e adquirirem autoconfiança, desenvolver habilidades adormecidas, estimula a imaginação e a organização do pensamento. Enfim, são incontáveis as vantagens.

Por fim, a presente monografia está dividida em 03 (três) capítulos, sendo que o primeiro aborda sobre o Processo histórico das Folias de Reis, o segundo a folia de reis como manifestações cênicas e o terceiro, abordando a temática da Folia de Reis como Prática pedagógica.

## CAPITULO I - PROCESSO HISTÓRICO DAS FOLIAS DE REIS.

O processo histórico da Folia de Reis ou sobre os Reis Santos, começa primeiramente na Bíblia Sagrada, no Novo Testamento, mas precisamente no evangelho segundo Mateus, que narra a história da viagem dos Reis Magos que vieram do oriente em peregrinação, em busca de um rei que estaria prestes a nascer. Guiados por uma estrela, chegaram até o Menino Deus e o presentearam com incenso, ouro e mirra.

E, entrando na casa, achara o menino com Maria sua mãe e, prostrando-se, o adoraram; e abrindo os seus tesouros, ofertaram-lhe dádivas: ouro, incenso e mirra. (Bíblia Sagrada, Mateus cap.2, vers. 11).

A tradição reza que foi no dia 06 de janeiro que os três reis encontraram e presentearam o Menino Jesus. Os três reis se chamavam, Baltazar, Melchior e Gaspar. Segundo a Bíblia, os reis, ao perceberem que o rei Herodes se sentiu ultrajado, ao saber que estaria prestes a nascer um novo rei dos judeus, conseguem disfarçar, e seguindo a estrela guia, chegam até a cidade de Nazaré. Com isso, os católicos passaram, em atitude devocional, homenagear os reis santos. Para o cristianismo, passou a ser um marco, com a lembrança do nascimento de Jesus Cristo de Nazaré, através da visita dos magos.

Os magos tornaram-se, portanto, reis magos, tomaram as vestes de seus contemporâneos, receberam nomes e, mais tarde bandeiras como senhores daquela época são seguidos de um rico cortejo. Cada rei ou grande príncipe quis representar como rei mago ou colocar sob sua proteção. Pouco a pouco os reis mais idosos dobraram-se os joelhos, depois depositou a coroa aos pés do menino, em sinal de vassalagem. Passamos oferenda dos magos para adoração dos magos. (Pessoa e Felix, pg. 56, 2007).

Embora a fé, a religiosidade e a devoção ao Santo, vigorem, e a tradição sirva de pressuposto para manter viva essa manifestação, no decorrer do tempo, ela vem sofrendo influências em um todo, pois, estão sujeitas às interferências da vida social, política, econômica e religiosa. Para OLIVEIRA:

Deveremos sempre situar as religiões que desejamos conhecer em seu contexto histórico e social, buscando as razões de sua existência na nossa realidade [...] como conjunto de crenças e práticas sagradas professadas por determinados grupos sociais” (OLIVEIRA,1988,p.107).

No artigo, “Os rituais na folia de Reis: uma das festas populares brasileiras”, de Vera Lúcia Pergo, ela fala das atividades de caráter religioso, da Folia de Reis, como a missa, a

procissão, a bênção, a novena e a reza que são ministradas por sacerdotes ou por pessoas autorizadas, pela Igreja, e as de caráter profano-religiosos, que sempre de forma festiva e tendo sempre à frente leigos, porém com consentimento de um sacerdote, comemoram o Natal, desde a sua véspera no dia 24 de dezembro ao dia 6 de janeiro, dia de Reis.

A Folia de Reis é de origem portuguesa e chegou ao Brasil na época da colonização, pelos portugueses. Hoje essa manifestação cultural religiosa é celebrada em várias partes, cada uma com a sua particularidade.

Folia de Reis é um festejo de origem portuguesa ligada às comemorações do culto católico do Natal, trazido para o Brasil ainda nos primórdios da formação da identidade cultural brasileira, e que ainda hoje se mantém vivo nas manifestações folclóricas de muitas regiões do país. Ela apresenta um caráter profano-religioso, fazendo parte do ciclo natalino, anualmente realizado entre 24 de dezembro a 6 de janeiro, quando se realizam as comemorações do nascimento de Jesus com várias festividades, ou festejos populares: como Congados, Folia de Reis, Império do Divino, Reinado do Rosário e Pastorinhas. (MOURA, 2004, p.185).

São várias as citações onde afirmam que a Folia de Reis é de origem portuguesa e que chegou ao Brasil no período colonial. Porém, a Folia de Reis brasileira contou com a participação de diferentes povos e suas etnias que contribuíram na variação dos ritmos, mas com fidelidade manteve a devoção ao Menino Jesus e aos três Reis Santos.

Segundo Alves (2009 p. 4), a Folia de Reis foi introduzida no Brasil no século XVI, como instrumento pedagógico dos jesuítas como forma de catequizar os índios e os escravos usando da crença divina.

No Brasil esse movimento foi organizado e constituído. Conforme citação:

No Brasil a visitação das casas, que dura do final de dezembro até o dia de Reis, é feita por grupos organizados, muitos dos quais motivados por propósitos sociais e filantrópicos. Cada Grupo, chamado em alguns lugares de Folia de Reis, em outro feita por grupos organizados, muitos dos quais motivados por propósitos sociais e filantrópicos. Cada Grupo, chamado em alguns lugares de Folia de Reis, em outro Termo de Reis, é composto por músicos tocando instrumentos, em sua maioria de confecção caseira e artesanal, tais como: tambores, reco-reco, flauta e rabeça (espécie de violino rustico), além da tradicional viola caipira e do acordeão, também conhecida em certas regiões como sanfona, gaita ou pé-de-bode (CASTRO, 1977, p.176).

Brandão também descreve, abordando sobre a viagem ritual da Folia Reis, comuns nas cidades interioranas.

Dentre toda a Folia de Reis são a viagem ritual mais difundida no Brasil e a mais rica de ritos e crenças próprias. Os devotos e promesseiros saem na

noite de Natal ou na do Ano Novo e percorrem um território de estradas e casas pré-determinado, até a tarde do dia 6 de janeiro, a “festa dos três Reis Santos”, no imaginário popular (BRANDÃO, 1985<sup>a</sup>, p138).

A crença e a devoção movem e fortalece, a cada um dos devotos, que se agarram aos Santos procurando a cura, a soluções e recompensas, através de promessas. A força da fé é tão grande, que eu pude ver e sentir em cada semblante e atitudes de seus participantes. Conforme Tremura, *um triangulo de fé inspirado em reciprocidade onde promessas transformam-se em bênçãos, proteção, e recompensas para aqueles que determinadamente cumprem suas promessas com os Reis Magos*. (TREMURA, 2005, p2).

A devoção aos reis magos fazem-se presentes no Brasil na época da colonização. Em Natal (RN) foi fundado em 06 de janeiro de 1598, o Forte dos Reis Magos, isso mostra a devoção aos Santos desde o século XVI. Uma maneira de catequisar os índios, foi através dos seus ritos e do presépio, retratando uma maneira didática de catequização através da performance . Conforme observação de Sebastião Rios (2006 67).

A folia, como a música e o drama, foi usada pelos Jesuítas para a catequese. Os padres Manuel da Nóbrega e José de Anchieta usavam as folias e outras danças nas procissões e nos autos, muitos escritos na língua geral. Com a consolidação, os rituais usados na catequese do índio disseminaram-se entre colonos portugueses, negros escravos e mestiços de toda sorte e foram incorporados às festas dos padroeiros.

A festa ganhou força por volta do século XIX, e acontecem em diversas regiões do país, dentre elas, no Estado de Mato Grosso.

### **1.1 - Folias de Reis em Mato Grosso**

Pode-se ver a Folia de Reis, em várias cidades desse Estado. Dentre as quais, General Carneiro, Salto do Céu, São José dos Quatro Marcos e Poxoréu. Em General Carneiro, (360 km da Capital), a folia de reis foi registrada, como espaço para resgate e consolidação da memória mato-grossense, pelo Governo de Mato Grosso.

Em General Carneiro, esse movimento cultural, Folia de Reis, começou em 1962 e acontece todos os anos, entre 20 de dezembro e 06 de janeiro, conforme dados colhidos através de uma matéria no jornal local, da Secretaria de Estado de Cultura de Mato Grosso, sobre a Folia de Reis em General Carneiro. Cerca de mil pessoas por dia se reúne ali para assistirem e ou participarem da programação que englobam procissão, romaria e danças.

Algumas pessoas se vestem em trajes especiais, que representam os personagens tradicionais da festa. Os instrumentos usados são: violão, sanfona, pandeiro, zabumba, viola, caixa e reco-reco.

Apontado por Pimentel (2014), em sua pesquisa para o jornal Diário de Cuiabá, o município de Salto do Céu, cultua a festa, que celebra o nascimento de Jesus Cristo.

“Oh, de casa, nobre gente, escutai o que eu direi; vem da parte oriental a chegada dos três reis...” Esses versos, cantados em plena região oeste de Mato Grosso, repetem uma tradição que corta os séculos em Minas Gerais: a Folia de Reis. (Pimentel, 2014).

A festa acontece quase todos os anos em Salto do Céu. A cidade tem seu grupo de foliões liderado pelo mestre Sebastião Pedro Santana, de 81 anos. Os festeiros percorrem a região, cantando, tocando e recolhendo presentes que depois são doados à igreja. O alimento e a Folia, aliás, estão interligados – como em outras festas religiosas espalhadas pelo Brasil. No final da trajetória, folião encontra-se com a população local e acontece uma grande festa, onde não faltam a pamonha, o queijo e a sanfona. Além da comemoração, o grupo entrega as prendas recolhidas no decorrer do trajeto. As doações são, então, encaminhadas para as faixas mais carentes.

Como outras famílias de origem mineira instaladas em Salto do Céu, Sebastião Santana e seus parentes saíram da região de Governador Valadares para tentar a vida em outra parte do país.

Agora, o mestre quer passar a tradição para frente, na expectativa de que Salto do Céu continue sendo uma ilha mineira no interior de Mato Grosso, com todas as manifestações culturais a que tem direito. Despertar o interesse dos moradores mais novos é um dos desafios de Sebastião Santana. (Pimentel, 2014).

Em São José dos Quatro Marcos, a primeira Folia de Reis formou-se em 1970 com a chegada dos imigrantes. De origem paulista, ela mantém a tradição da viola caipira e a originalidade dos rituais da época. Em 1995, após uma turnê da companhia em São Paulo, iniciou-se a construção da Igreja dos devotos de Santos Reis. Assim, Quatro Marcos tornou-se polo regional de encontro anual dos foliões.

Os foliões de São José dos Quatro Marcos, após suas peregrinações pelos municípios da região Sudoeste, decidiram a 15 anos que no último domingo de cada mês de janeiro seria realizada a Festa de Folia de Santos Reis. Por um dia, folias das vizinhanças se reúnem para tocar seus hinos e cantos.

A tradição da Folia de Reis em Mato Grosso vem do sul, sudeste e nordeste do país. E essa gente, quando sentem esse folguedo ameaçado buscam, de alguma forma, reacender as suas manifestações.

Segundo a Secretaria de Estado de Cultura de Mato Grosso, em São José dos Quatro Marcos, o grupo de dança Ballet Ritmos de São José dos Quatro Marcos, iniciou em 2008 e chegou até a 5ª Mostra de Dança de Mato Grosso divulgando a história dos palhaços na Folia de Reis, com a coreografia Marungas<sup>1</sup>. O trabalho investiu em parte da religiosidade popular do município, buscando a evolução, o aprimoramento de técnicas, a inovação, a inserção de novas bailarinas e o incentivo para o surgimento de novos grupos, tanto de dança quanto de Folias de Reis.

Desde dezembro de 2007, em Quatro Marcos, a Folia de Reis foi a tradição escolhida pelas adolescentes do Ballet Ritmos e objetivou explicar a sua significação e origem, tanto no contexto geral quanto nacional e municipal. A musicalidade na dança é marcada pela forte presença da viola caipira. A coreografia Marungas apossa-se de técnicas da dança clássica e contemporânea para apresentar um pouco da história e da vida do povo quatromarquense. Os métodos utilizados servem também para introduzir conhecimentos históricos, culturais e religiosos, uma vez que os temas são pesquisados e trabalhados em conjunto com as integrantes.

## **1.2 A Folia De Reis Em Poxoréu.**

O município de Poxoréu está localizado a cerca de 240 km de Cuiabá, capital do estado de Mato Grosso. A cidade foi fundada em 26 de outubro de 1938, possui uma população de 17.232 habitantes, censo IBGE/1012. Possui uma área de 6.923.227 Km².

Em que pese não existir uma literatura sobre o assunto, utilizaremos como síntese da temática, a sistematização das entrevistas realizadas com pioneiros e praticantes da tradição ao longo da história local, utilizando-se além da fonte oral, registros que os participantes venham a ter.

Em Poxoréu, a história da Folia de Reis, não é diferente da maioria das regiões do Brasil que reverenciam essa manifestação cultural, pois devido a sua diversidade populacional decorrente da corrida ao diamante, que era predominante na década de vinte,

---

<sup>1</sup> Coreografia onde trabalha o balé clássico com a dança popular.



época da colonização até as décadas de 70/80 a ponto de a cidade ser alcunhada como “Capital dos Diamantes” pela abundância desse minério.

A origem da folia de reis em Poxoréu vem dos povos que chegaram à localidade em busca de minérios e de terras devoluta, para a agricultura. São homens e mulheres que trouxeram em suas bagagens, raízes culturais. Dentre elas, essa manifestação cultural, que tem em seus ritos, as particularidades do lugar em que saíram.

Na época foi atraído, mais precisamente, para o povoado da “Raizinha”, onde o diamante era encontrado nos torrões da raiz do capim arrancado - motivo pelo qual o lugar recebeu esse nome - povos de várias regiões, a maioria Baianos e Maranhenses, e com eles, os seus costumes, religiosidades e devoções. Dentre essas manifestações está a Folia de Reis, que se assemelha a muitas espalhadas pelo nosso território brasileiro, mas, no entanto, talvez levado, justamente por essa variedade cultural e variados traços, sobressai características próprias. Conforme ALMEIDA (2008, p. 49).

Tem-se a clareza de que as identidades imbricam-se, mesclam-se e apresentam dinamicidade, construindo uma diversidade identitária, o que reforça o argumento sobre a impossibilidade de se cogitar sobre a pureza de uma identidade cultural e territorial.

Os objetivos e a convivência se cruzam, a maneira de viver e experiências fazem que surjam novas formas de conviverem com o mundo, buscando a historicidade e culturas que se assemelham e ao mesmo tempo diversificam. Isso faz com que novas formas de identidades surjam, pois são próprios na convivência dos grupos sociais. Como cita ALMEIDA (2008, p.53).

Essa reinvenção se dá pela (re) significação das coisas naturais e na reafirmação delas como partes e produtos da sociedade. Refletir pois, sobre tais coisas, pela transversalidade da cultura, é considerar que elas possuam signos e mensagens e, é interpretar o valor social a elas agregadas.

Em Poxoréu, hoje, aqueles que insistem em manter esse movimento, é a minoria. São pessoas simples, são agricultores, garimpeiros, faxineiras, guardas, lavadeiras, diaristas etc. A maioria descendente dos antigos praticantes. Em algumas décadas, foi considerado um dos maiores movimentos culturais, pois sem distinção de classes, todos participavam, com respeito e dignidade. Era coroado de êxitos, pois o número de participantes era grande e a comunidade se comprometia em fazer uma apresentação à altura de seus seguidores, colocando à frente a religiosidade daquela gente.

Eram comuns, patrões com suas esposas, compradores de diamantes, garimpeiros, capangueiros, prostitutas etc. dividirem o mesmo espaço. Pois no dia destinado ao Santo, todos participavam de igual para igual de toda programação. Os preparativos da festa iniciam-se em dezembro, e terminam no dia seis de janeiro com rezas, almoço e um animado baile.

A força da fé, ainda vigora nas famílias dos brincantes e de alguns moradores da comunidade. São vários causos, contados envolvendo pessoas da família ou de pessoas do convívio, que não tenha encontrado uma graça, ou milagre, depois da devoção ao Santo. Curas e soluções de problemas são elencadas e contadas com tanta veemência e de maneira emotiva, que chega a mexer com o “eu” daqueles que os ouve.



Fig. 1 – Padre Murali abençoando a Bandeira

Segundo o Sr. Nilton, o grupo que compõe a Folia de Reis da Capela do Divino Pai Eterno é composto, pelo Mestre Embaixador da Cantoria, Alferes da Bandeira, Contramestre da Cantoria, Rainha, Toadas Consoantes, Palhaços e os instrumentistas.

Antigamente, nós era um grupo bem grande. Hoje reúne eu, os meninos (filhos), minha companheira alguns amigos e vizinhos. Eu sou o mestre embaixador e a rainha é a minha mulher. Este meu filho é o contramestre da cantoria, ta faltando os demais. De veis em quando nois reunimos com o grupo do Seu Mutuca, ai a cantoria fica bonita. (SR. NILTON – 2014)).

Essa colocação do Sr. Nilton se compara com a interpretação de Castro e Couto, citada por Pergo, em seu artigo, “Os rituais na folia de Reis: uma das festas populares

brasileiras”, quando diz que a folia seria composta por amigos, parentes, compadres e aliados do mestre, os quais se reúnem para a jornada dos Reis.

Segundo Amorim, (2008), em sua pesquisa diz que:

Talvez o termo “eventos sociais” fosse mais apropriado para refender a cultura da raizinha. E, inegavelmente o evento mais importante, ali consolidado, durante anos, foi a Folia de Reis. Aquela atividade, iniciada por fiéis devotos do Divino Espírito Santo atraía muita gente repercutindo memoráveis festas que pareciam ofuscar a grandeza de outros acontecimentos Sociais iguais. (AMORIM, 2008, jornal “O UPENINO).

Apontado na pesquisa de Amorim (2008) é de se considerar que a folia de reis não lograria a fama que produziu não fosse à liderança tenaz do saudoso mineiro Sebastião José de Almeida (Pelé), bem como as doações generosas que resultavam em churrascos, comidas variadas e muita bebida.

Conforme o Sr. José Pacheco, Edinete Brandão Amorim, foi o maior gaiteiro de todos os tempos na raizinha. Sua sinfonia encantava os moradores que atentos, paravam para apreciar a melodia ao Divino Espírito Santo. Os principais instrumentos utilizados na cantoria de reis são: a gaita<sup>2</sup>, a caixa, o zabumba, o triangulo, o reco-reco e o Maracaxá<sup>3</sup> e este ultimo, tinha sempre o manejo exclusivo de Joaquim Barbeiro (baiano de Brotas, garimpeiro/lavrador e nos finais de semana, barbeiro).

Um dos motivos que levou essa festa que outrora foi considerada como ícone social durante os áureos tempos de Poxoréu no povoado da raizinha, segundo Amorim,(2008), foi que: a atividade passou a exigir investimentos vultosos, de modo que a receita não era mais compatível com as despesas, além do mais, com o enfraquecimento dos garimpos, os moradores foram abandonando e conseqüentemente o movimento perdendo forças.

Segundo a versão do Sr. Gastão, (93 anos, garimpeiro), religiosos, teriam exigido que o evento fosse apresentado em Poxoréu (sede), o que teria desanimado os festeiros, sob alegação, da perda da identidade social e das dificuldades móveis. Ascione (nascido na Raizinha em 1949) reforça que o evento perdeu forças, em razão das poucas receitas que arrecadavam e da mudança dos principais líderes, já que a atividade de garimpagem começava dar sinais de fraqueza. (2014)

---

<sup>2</sup> Flauta de bambu

<sup>3</sup> Instrumento indígena feito com cabaça, o mesmo que Maracá.

O Senhor Ascione, em suas recordações narra que: a festa começava na véspera do dia 25 de Dezembro, dia do nascimento de Jesus com passagem dos foliões em todas as residências da região, desde o garimpo do São Pedro, Alcantilado, Todos os Santos, São Paulo e na própria comunidade da raizinha levando a mensagem do divino Espírito Santo e arrecadando donativos para a festa, que variavam de um quilo de farinha, a bezerros, porcos, galinha e vacas. Às vezes colocando-os em local (casa) estratégico para que alguém os apanhasse de carro e terminava no dia 06 de janeiro do ano seguinte, com terço, as apresentações das pastorinhas (geralmente, danças e cantos), eleição e coroação do novo festeiro e o baile que, geralmente, amanhecia o dia.

O Festeiro permanecia coroado durante toda a festa. Entre os festeiros, Ascione se lembra do Sr. Joaquim Barbeiro (baiano/garimpeiro), Edinete Brandão, Arlindo, Joaquim Bororo, Isolino e Gildásio. (garimpeiros vindo do Maranhão, Bahia e Goiás).

As principais Cantorias do Ritual de Reis na Raizinha em Poxoréu/MT:

Declamado: *Eis que os três reis magos vieram do oriente a Jerusalém quando souberam que nascera o menino Jesus, rei dos reis. – Vimos a estre do oriente e vimo adorá-lo. E Herodes ficou perturbado com a notícia e disse: Ide, informai bem sobre o menino. Mas os três reis sabiam que ele era mal. Eles partiram e não deram noticia. Eles foram guiados pela estrela do Oriente até chegar ao menino e ali parou. A aparição daquela estrela os encheu de profunda alegria. Entrando na casa acharam o menino e sua mãe, Maria, numa manjedoura. Prostrando-se diante dele, adorou-o e ofereceram seus presentes, como ouro e outros. Por isso estamos aqui, recordando o teu nascimento e cantando assim:*

Percebe-se que todo o rito da Folia de Reis, mantém a fidelidade na narrativa segundo a Bíblia, tanto nas letras das declamações como nos hinos e cantorias.

### **Canto de Entrada:**

“Vinte e cinco de dezembro, oi, aiiii, a meia noite deu sinal, **coro:** Oh Jesus...Oh! Jesus e (repete as ultimas palavras) a meia noite deu sinal...

Que nasceu menino Deus, Oh! Jesus, numa noite de Natal, (coro) oh! Jesus... Oh! Jesus numa noite de Natal.

A estrela do Oriente, oh! Jesus, fugiu sempre dos judeus...

Avisando aos três reis santos que o menino Deus nasceu, (coro)

E os três reis quando souberam

Que nasceu Manoel Messias

Arriaram seus Camelos, oh Jesus, com prazer e alegria (coro)  
Cada um levou presente, oh Jesus, para o menino Deus saudar, (coro)  
Deus te salve altar santo e a lapinha de Belém, (coro)  
Pai Divino, Espírito Santo, oh Jesus...(coro)  
Para sempre assim amém, oh! Jesus...Oh! Jesus, para sempre assim amém...  
“Declamado: Louvado seja nosso Senhor Jesus Cristo – Para sempre seja louvado”

### **Canto de Residência:**

*Senhor dono da casa”. Senhor dono da casa  
Deus lhe dê um belo dia. Deus lhe dê um belo dia...  
Belo dia Deus lhe deu, belo dia Deus lhe deu...  
Alegre vamos cantando, alegre vamos cantando...  
A Bandeira aqui chegou, a bandeira aqui chegou...  
Ela veio lhe visitar, ela veio lhe visitar...  
Veio pedir sua esmola, veio pedir sua esmola...  
Pra seu dia festejar, pra seu dia festejar...  
Santo lhe pediu a esmola, santo lhe pediu a esmola...  
Agora vai lhe agradecer, agora vai lhe agradecer...  
Deus lhe pague a tua esmola, Deus lhe pague a tua esmola...  
Que vós deu de coração, que vos deu de coração...  
Tua esmola é caridade, tua esmola é caridade...  
Caridade é virtude, caridade é virtude...  
Santo Reis já vai embora, Santo Reis já vai embora...  
E despede de você, e despede de você...  
Vamos dar a despedida, vamos dar a despedida...  
Como Deus disse em Belém, como Deus disse em Belém...  
Para sempre assim, amém, para sempre assim amém...*

Hoje, segundo os que ainda procuram manter essa tradição, “procuram fazer da mesma maneira de “antanho”, como fala o Sr. MUTUCA (09.2014).

Começamos a correr a Bandeira, logo no começo de Dezembro. É o “Giro”. Isso pra garantir uma festa com mais abrangência. Muitas vezes somos impedidos de entrar em algumas casas, mas ainda há aqueles devotos. São pessoas que conseguiram algumas graças, concebidas pelo Menino Jesus e os três reis santos. O nosso objetivo é levar, ou seja, o objetivo da Folia de Reis é levar a boa nova da chegada do Divino. Antes as nossas roupas eram bem coloridas, hoje vamos como pudemos, mas o palhaço ainda se veste a

rigor. Nos temos o Mestre Embaixador, Alferes da Bandeira, Contramestre, Rainha, Toadas Consoantes.



Fig. 2 -Sr. Nilton e a Alferes da Bandeira



Fig. 3 - Sr. Mutuca

Na trajetória da Folia, a participação da mulher é bastante restrita, porém a voz feminina é ouvida na hora da saída, onde o terço é rezado. E segundo Porto, os Reis Magos não trouxeram consigo suas esposas, e dizem outros, que nenhuma mulher visitou o presépio de Jesus. Admitir mulher entre foliões, como participante, seria desviar o sentido da dramatização. (PORTO, 1982, p54).

O fato, de a mulher participar, do terço do reisado, é que a reza do terço é considerada como uma oração da família, que compreende pai, mãe, filhos e filhas. Assim como cita Brandão:

Elas não são nunca as “rezadoras”, mas participam ativamente do responsório das orações. Isto acontece por dois motivos. Primeiro porque a reza do terço é compreendida como uma forma de oração familiar onde é importante a presença de esposas e de filhas. Em segundo lugar são as mulheres as que melhor recordam na íntegra todos os momentos da reza (BRANDÃO, 1977, p.12).

A participação da mulher já é mais frequente. Nas narrativas, deparamos com depoimentos de mulheres, que foram pastorinhas, como é o caso de D. Adelaide Pereira de Miranda, que saia com mais algumas meninas, arrecadando donativos para a festa de reis e

depois faziam as suas participações cantando e fazendo coreografias em roda. Ela fala do apreço que tinha pela festa. Que a maior alegria dela era o momento de ir para os bailes. Essa abertura encontrada pelas mulheres de participarem dos ritos da folia de reis, já significava uma quebra de paradigma, pois, a maioria dos homens, na época tinha a forte convicção que as mulheres teriam que se ater somente em seus afazeres puramente “femininos”, cuidar da família lavando, passando, cozinhando e etc.

Hoje, a mulher, embora tenha conseguido superar a força majoritária, ainda sofre discriminações por aqueles que acham que o lugar delas é na “cozinha”, porém, tem conseguido provar, ainda que, como desafio, conciliar as atividades domésticas e administrar o seu tempo com atividades profissionais e sociais.

Na folia de Reis, em Poxoréu, para meu orgulho, deparei durante as minhas pesquisas, com mulheres, que em suas narrativas, nunca deixaram de participar das Falias, que desde criança, acompanhavam os seus pais, depois seus maridos e filhos. Ora ajudando na preparação dos festejos, ora tirando o terço e acompanhando a romaria de casa em casa ou à frente de um grupo, como a D. Maria Alves, conhecida como (Maria Arara), que tem um grupo de Folia de Reis, o qual ela comanda. Percebe-se a força e ousadia dessa mulher, que administra com firmeza, e quando necessário, toma decisões. Ela fala com orgulho que conseguiu construir o salão da festa, com o seu trabalho e com a sua aposentadoria. Em suas narrativas ela disse:

Os homens tem a força dos braços e das pernas, mas nós mulheres e que somos... podemos assim dizer, somos a cabeça que pensa e guarda todas as informações. (depois de uma gostosa gargalhada, ela continua) um dia eu escutei de uma das minhas netas, as seguintes palavras, e desde então eu guardei pra mim, é mais ou menos assim: Por detrais de um grande homem está sempre uma grande mulher. E é isso mesmo. Porque o meu veio (esposo), é o que é hoje, um homem de respeito e que respeita , é porque eu sempre estive ao lado dele, e ele sempre quis a minha companhia. Passamos algumas dificuldades quando nos só vivia do garimpo, mas hoje, eu sou aposentada e ele também, sempre que acontece alguma coisa que quer nos atrapalhar, nós passamos por riba, sempre nos erguemos e vamos que vamos (risos). Durante toda a preparação da Folia, ele é o meu parceiro, meu companheiro. Depois, o meu grupo é bastante unido, a cooperação é de todos. (D. MARIA -2014).

Depois de ouvir a D. Maria, lembrei-me do apontamento de Brandão, quando diz [...] *Em segundo lugar são as mulheres, as que melhor recordam na íntegra todos os momentos da reza.* Enquanto D. Maria diz: *...somos a cabeça que pensa e guarda todas as informações.* Porém, nas palavras dessa senhora, pode-se sentir a independência e

determinação nos seus atos, e como elas, outras tantas estão espalhadas por ai mudando hábitos, tendo como arma, a sutileza necessária, para quebrar paradigma, mesmo tendo à frente a discriminação e preconceitos. D. Maria procura estar sempre bem maquiada e as unhas sempre pintadas com cores fortes.

Diante da realidade, de ver nos rostos, o saudosismo por recordar tempos áureos dessa manifestação, que veio a vontade de ressignificá-la, a fim de mantê-la, trabalhando-a como estímulo sociocultural e como prática pedagógica em sala de aula usando, das ferramentas metodológicas da educação. A Folia de Reis, como prática pedagógica, será abordada no Capítulo III dessa monografia. Porém a seguir, ficam com o Capítulo II, que abordará sobre a Folia de Reis como Manifestação Cênica.



**Fig. 4 Grupo de Foliões**



**Fig 5 – manifestação no interior da igreja**



**Fig.6 – interior da igreja**



**Fig. 7 – Foliões no centro de Poxoréu.**



## CAPITULO II - A FOLIA DE REIS COMO MANIFESTAÇÃO CÊNICA

*Senhora Dona da casa, abra a porta acenda a luz, venha ver como é bonita a chegada de Jesus; Vinte e cinco de dezembro, quando o galo deu sinal, nasceu Menino Deus, numa noite de Natal...* e a cantoria vem descendo o morro, seguida por um colorido de chitas e laços e crianças que saem em revoada como pássaros assanhados pela vibração de pandeiros, sanfona, viola e violão e um coro ora afinado ora desafinado ecoa a canção, pela poeira, pelo sol escaldante ou pelo vento de verão, que insiste em participar dessa coreografia desmedida. E assim se faz o reisado, dançando, cantando a fé, gestos encenados, alguns passos de balé em tropeços sobre o cascalho e seixos rolados esparramados nas singelas ruas da cidade do interior. E uma bandeira sagrada colorida, balançando ao vento e cheia de fé, retrata o Sagrado, e as portas vão se abrindo, o Santo Menino provoca emoção, risos, choro e o acreditar que Jesus Menino se fez protagonista de uma cena única que mexe com a devoção, com o benquerer é uma felicidade só.

A representação cênica da Folia de Reis é uma maneira de consolidar um folguedo, pois retrata a simplicidade e ingenuidade que é genuína neste tipo de manifestação popular. A empolgação dos brincantes faz que a Folia de Reis ganhe ares de espetáculo no cenário cultural. E isso acontece desde que eles se despem de seus trejeitos e incorporam os elementos que compõem esse momento cultural. Os movimentos e toadas se complementam juntamente com os elementos cênicos, como a bandeira, instrumentos musicais, Santos etc. Tudo que essa gente expressa é o agradecimento pelas bênçãos recebidas, à tradição religiosa, veneração e fé.

“A Folia de Reis pretende reproduzir a viagem dos Magos a Belém, ao encontro do Filho do Homem”. Os foliões partem a meia-noite, no Natal – quando os Magos teriam recebido o misterioso aviso – e encerram a sua jornada no dia de Reis. (CASTRO E COUTO. 1997 p.1)

A Folia de Reis traz no seu bojo, os ritos. Cada folião ali existente é de suma importância em seus papéis. O Mestre, por exemplo, possui amplo conhecimento da festa, e tem autoridade total sobre os demais e também é o responsável pela cantoria, narrando a visita dos magos a Jesus. O Contramestre é responsável de colher os donativos para a festa; o Palhaço é o protetor do menino Jesus, confundindo os soldados de Herodes, e cabe a ele o papel de pedir aos donos das casas visitadas, os donativos para a festa. Alferes é um título dado a uma pessoa respeitada da comunidade que conduz a bandeira e não pode ser

ultrapassado por ninguém, pois representa a Autoridade Espiritual. Os Músicos tocam pandeiros, violão e outros instrumentos e os foliões, brincantes ou companheiros, como eles se chamam, são as pessoas da comunidade que acompanham a Folia.

Mesmo que busquemos a essência da Folia de Reis, em uma manifestação cênica, temos a consciência que esse sofrerá descaracterização, se for retirada, do seu ambiente natural. Porém é de suma importância que a origem, as raízes sejam instrumentos de pesquisa. E estudar a base fundamental de uma tradição é de fato o melhor que se possa fazer para que ela não caia no “faz de conta”. E o espaço cênico fica visível com a encenação dos ritos e coloridos que compõem essa manifestação.

Embora seja sabido que no âmbito da cultura popular, a festa de Santos Reis sofreu influência de diferentes culturas, como indígena, africana e europeia que contribuíram para a sua pluralidade, é de se considerar que a Folia de Reis em Poxoréu, apresenta sua particularidade através dos fazeres de seus participantes que eram, e ainda são, mesmo com a escassez do garimpo, a maioria, garimpeiros e seus familiares, que no momento de suas apresentações se despem dos seus trejeitos e deixam aflorar os movimentos ritmados, levados pela força da religiosidade e devoção aos Reis Santos.

Segundo o Sr. Aurélio Francisco da Conceição (85 anos) e sua esposa, Sra. Terezinha Pires Borges da Conceição (77 anos), nos anos quarenta, em uma localidade chamada Barra do Coité, em Poxoréu, havia um grupo de Folia de Reis, comandado por um velho baiano e garimpeiro, que atendia pela alcunha de Sr. Lau. Estes brincantes tinham a particularidade de visitar as casas, durante a noite.

“Eu acordava com a cantoria chegando e o meu pai e minha mãe abrindo as portas pra eles entrarem, logo, logo aquilo tudo virava festa, as minhas tias iam para a cozinha e faziam “João duro”, bolinho feito de araruta, e pão com manteiga frita”. E pra beber fazia chá de erva cidreira, capim santo e café, sempre tinha também uma pinguinha preparada com raizadas, pra os cantadores limparem a goela. Eu ainda lembro os versos de uns cantos. Era muito bonito, o Palhaço dançava pulando, fazia uns passos bonitos. Os foliões tocavam os instrumentos e cantavam lindas as cantorias em roda. A bandeira entrava em todos os cômodos de casa. Eles tocavam em frente ao presépio que minha mãe fazia todos os anos. “Hoje ninguém quer fazer mais, eu lembro que era moda correr presépios das casas fazendo promessas”. (D. TEREZINHA -2014).

O Sr. Aurélio, seu esposo, compartilhou:

Esses grupos usavam roupas de seda, era bem “chique”, e os instrumentos eram a maioria feita por eles mesmos. Eles representavam os reis magos e tudo mais da passagem dos dias de reis. A preparação da festa era de grande irmandade. As mulheres preparavam o almoço e os homens tocavam animando o ambiente. A noite após a novena, começava o baile. As mulheres solteiras dançavam separadas das casadas. Era tamanho respeito. A cantoria era diversa. “Eu ainda lembro algumas”. (Sr. AURÉLIO. 2014).

*Senhor Santo Reis,*

*Filho da Virgem Maria*

*Ele nasceu em Belém*

*Registrado na Bahia*

*Ele lá canta de noite*

*Nós aqui canta de dia.*

Outro casal que se orgulha em falar da Folia de Reis é o Sr. José Florindo de Oliveira, vulgo, Sr. Mutuca, e a sua esposa, D. Alice Souza Oliveira. A casa está sempre aberta para receber os amigos e conhecidos. Foi com satisfação que eu fui recebida a fim de sabatina-los a respeito do folguedo. Com entusiasmo e saudades eles iam descrevendo em riqueza de detalhes. Ele começa sua narração afirmando:

É uma tradição do começo do mundo. Eu era bem menino quando vim da Bahia pra Poxoréu tocando carreiro. Desde então, o meu irmão começou a mexer com a folia e eu sempre tava ali observando tudo. Fui crescendo e passei a participar acompanhado pra todo lugar, depois passei a vestir de palhaço e fazia a festa com as crianças. Quando o meu irmão faleceu, eu passei a comandar a Folia. Hoje quem tira a cantoria é meu filho e minha nora. A trombose está me impedindo de acompanhar o cortejo. (Sr. MUTUCA -2014)

E com tristeza ele fala da rejeição que sofrem quando passam com a bandeira. *As outras religiões, batem à porta na nossa cara, isso deixa a gente muito chateados, mais ai, nós apegamos na fé. E seguimos em frente.*

Com a voz melodiosa ensaiou alguns versos de toadas e chulas.

*Com Deus cheguei nessa casa*

*Visitei os quatro cantos*

*Avistei Nossa Senhora*

*E o Divino Espírito Santo*

*Nós vamos cantando Sto. Reis*

*Não é pra ajuntar dinheiro*

*É pra pagar promessa*

*No dia seis de Janeiro* (Sr. MUTUCA- 2014).

Percebe-se naqueles que vivenciaram e ainda vivenciam esses momentos, tamanha admiração e religiosidade. Para alguns, um esplendido espetáculo. Os brincantes com seus trejeitos e o jogo dos corpos que de maneira desengonçada vão transformando em coreografias, para usar um termo da dança, faz da Folia de Reis uma atração. São homens e mulheres que se deixam levar pelo ritmo e espontaneamente criam movimentos, embalados pelas toadas, canções simples que falam da trajetória do Menino Deus desde a véspera do Seu nascimento até o dia de Santos Reis.

## **2.1 – A Folia de Santos Reis como patrimônio imaterial.**

O que leva uma manifestação cultural a ser considerado Patrimônio Imaterial, é a força das recordações, da insistência de querer manter viva uma tradição. São valores morais, afeto, amor, o respeito às suas raízes e acima de tudo a crença e a fé de um povo. Isso tudo leva a projetar a imaterialidade através dos saberes e fazeres de um determinado grupo buscando a preservação da expressão do meio social em que vive. Isso tudo são expressos através dos hinos e toados, cantados e contados pelos participantes, com orgulho dos seus afazeres.

Conforme Mariza Veloso (2004) em seu artigo “Patrimônio Imaterial, memória coletiva e espaço público”, do mesmo modo, nas discussões sobre memória coletiva, passou-se a enfatizar o processo de produção das práticas sociais que revitalizam e revigoram manifestações da memória coletiva e não suas cristalizações ou simulacros vendáveis. (p.31).

Para que se estabeleça uma tradição, é preciso que uma coletividade entre em um senso comum levando à frente uma determinada manifestação. Assim, nasce a unificação de interesses e valores.

Segundo Mariza Veloso, no mesmo artigo p. 32, o caráter dinâmico das práticas sociais, na medida em que se associa às formas de transmissão dos modos de “distinção” e das modalidades da herança, é que estabelece a relação entre patrimônio imaterial e tradição como intrínseca, sendo a tradição constituinte deste patrimônio cultural.

No artigo “Patrimônio e performance: uma relação interessante” de Cecília Londres, ela cita o artigo 216, da Constituição Federal de 1988, à partir da sua promulgação, onde reza que os bens de natureza imaterial, tal como os entendemos hoje, foram incorporados legalmente à noção de patrimônio cultural no Brasil, conforme aqui exposto:

Constituem patrimônio cultural brasileiro, os bens de natureza material e imaterial, tomados individualmente ou em conjunto, portadores de referência à identidade, à ação, à memória dos diferentes grupos formadores da sociedade brasileira, nos quais incluem:

I - as formas de expressão;

II – os modos de criar, fazer e viver;

III – as criações científicas, artísticas e tecnológicas;

IV – as obras, objetos, documentos, edificações e demais espaços destinados às manifestações artístico-culturais;

V – os conjuntos, urbanos e sítios de valor histórico, paisagístico, artístico, arqueológico, paleontológico, ecológico e científico.

Percebe-se que as referências de bens imateriais são mutáveis e variam de tempo em tempo na classificação de valores. Pois, o patrimônio artístico culturais, baseado em suas vertentes tradicionais torna-se bastante amplo, pois engloba bens materiais e imateriais, valorizando e investindo em sua preservação. A Folia de Reis, com os seus saberes e fazeres é uma manifestação cultural popular de um grupo.

A Folia de Reis manifesta aos seguidores, fortes sentimentos religiosos e saudosismo. E todo o seus ritos e indumentárias contribuem, para que venha a fazer parte de registros dos bens culturais de natureza imaterial. Pois ela se configura com uma pratica cultural e coletiva, como reza a Convenção da UNESCO para a Salvaguarda do Patrimônio Cultural Imaterial que define como patrimônio imaterial “as práticas, representações, conhecimentos e técnicas – junto com os instrumentos, objetos, artefatos e lugares culturais que lhes são associados – que as comunidades, os grupos e, em alguns casos, os indivíduos reconhecem como parte integrante de seu patrimônio cultural”.

A professora Dra. Thereza Martha Presott, do departamento de história da UFMT, fala do Registro dos Bens Culturais de Natureza Imaterial, O Decreto 3551 do IPHAN criado em 04/08/2000, o Programa Nacional do Patrimônio Imaterial (PNPI) e instituiu o Registro dos Bens Culturais de Natureza Imaterial. Segundo Thereza Presott, PNPI visa viabilizar projetos

de identificação, reconhecimento, salvaguarda e promoção da dimensão material do patrimônio cultural. Vários folguedos e manifestações já fazem parte do Patrimônio Imaterial no Estado de Mato Grosso.

A secretaria de Estado de Cultura de Mato Grosso, no dia 14 de agosto de 2014, assinou o Registro de reconhecimento e importância da Folia de Reis como tradição Identitária do município de General Carneiro, como espaço para resgate e consolidação da memória mato-grossense. A publicação saiu no Diário Oficial do Estado de nº. 26338 em 25 de julho de 2014.

O secretário de Cultura de Mato Grosso, Fabiano Prates fala da importância deste reconhecimento *à preservação da nossa história expressada nas mais diversas manifestações culturais deve ser Registrada como um patrimônio mato-grossense para mantermos nossas raízes e tradições*, diz Prates. Continuando ele afirma: *a Folia de Reis é mais que uma tradição, pois representa os valores culturais e religiosos devidamente preservados pelo município de General Carneiro. Sem dúvida nenhuma este é um simples ato de reconhecimento, diante do valor cultural que essa festa tradicional representa para o Estado, afirma Prates.*

Em outros Estados do Brasil, o reconhecimento da Folia de Reis, como Patrimônio Imaterial, está sendo debatido. No Rio de Janeiro, segundo a repórter da Agência Brasil, edição, Talita Cavalcante, a tradicional Folia de reis, presente na maioria dos municípios fluminenses, pode se tornar um bem cultural imaterial. O registro está em estudo pelo Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional (IPHAN), que faz um mapeamento das folias no estado, em parceria com a Universidade Estadual do Rio de Janeiro (UERJ).

A folia de Reis é uma manifestação popular de crença própria, é a mais difundida no território brasileiro e que trás no seu bojo a riqueza de seus ritos.

A globalização está presente com a contemporaneidade. Por outro lado, em que pese à importância destes saberes culturais, o processo de permanência destes eventos, principalmente, a difusão na sociedade, tem perdido espaço e valor para outros saberes da modernidade. Até que ponto a essência permanecerá e o que poderá acontecer com a simplicidade que é genuína nessa gente e que se vangloria com as suas apresentações,

simples despidos de imposições? Enquanto eles trabalham, apenas as performances criadas espontaneamente, demonstram a pureza dos sentimentos em sua crença e fé.

Enquanto a espetacularidade, que é uma nova forma de projetar uma manifestação tradicional que se encontra até certo ponto à deriva, com seus ritos e crenças, e através de um novo processo, a retraditionalização, se encontra outros rituais em novas formas performáticas, e até mesmo busca resignificar o folguedo que está correndo o risco de extinção levando-o, a ceder à propostas remuneráveis, denegrindo a imagem da tradicional manifestação cultural popular, colocando em risco a sua pureza, essência lúdica e credibilidade de seus seguidores.

A busca de sua ressignificação na cultura local, me levou a fundamentá-la como prática pedagógica no ensino básico. Onde será abordado com mais detalhes no capítulo seguinte.

### CAPITULO III - A FOLIA DE REIS COMO PRÁTICA PEDAGÓGICA

A ideia de levar para sala de aula essa folia, que outrora foi ápice de um dos movimentos culturais do município de Poxoréu, foi uma maneira de buscar manter viva essa tradição, pois tem provocado uma reação nos mais jovens, que com uma postura conceitual, procedimental e atitudinal demonstram, a partir da proposta, interesses em relação aos conhecimentos históricos e dos ritos dessa manifestação. Isso tem promovido um diálogo, entre os promesseiros participantes e alunos, e instiga a uma reflexão crítica e um aprendizado rico em saberes de ambas as partes. E a participação de jovens em uma atividade cultural como essa é bastante profícuo e incentiva a outros. O estudo da Folia de Reis é visto através de materiais que os pequenos grupos de reisados possuem, e que se torna em um grande significado para a cultura local.

Mesmo Barbosa (1991) se referindo a arte institucionalizada entendo o quanto é importante a inclusão das manifestações tradicionais de nosso povo, nesse universo e a escola pode e deve contribuir para que perpetue uma manifestação cultural e pode contribuir nesse processo. “Precisamos levar a arte que hoje está circunscrita a um mundo socialmente limitado a se expandir, tornando-se patrimônio da maioria e elevando o nível de qualidade de vida da população.” (BARBOSA. 1991 p.6)

“À educação em arte propicia o desenvolvimento do pensamento artístico, que caracteriza um modo particular de dar sentido às experiências das pessoas: por meio dele, o aluno amplia a sensibilidade, a percepção, a reflexão e a imaginação. Aprender arte envolve, basicamente, fazer trabalhos artísticos, apreciar e refletir sobre eles. Envolve, também, conhecer, apreciar e refletir sobre formas da natureza e sobre as produções artísticas individuais e coletivas de distintas culturas e épocas”. (PCN Arte, 1997, pag.11).





Fig.8. Grupo Andarilhos do Serrado



Fig. 9. Chegada à Associação Garimpeira

Trabalhar as folias na arte/educação poderá construir práticas pedagógicas e abrir um leque de possibilidades, de relacionamento com outras linguagens, que contribuem em um processo de criação. Nesse caso serão estimulados pela prática e envolvimento da manifestação cultural Folia de Reis de Poxoréu.

O ensino da arte cênica na escola contribui em grandes vantagens no desenvolvimento e evolução do aluno tanto no contexto familiar, religioso, como no político e social, com maior capacidade de reflexão sobre o mundo.

Castro e Couto enfatizam uma passagem desse movimento, que demonstra a credence e devoção de um povo. Isso vem a facilitar na composição das cenas que podem ser trabalhadas com riquezas de detalhes utilizando todos os suportes cênicos que a própria folia oferece.



Fig. 10 – Grupo “Andarilhos do Serrado”

As aulas ocorreram em sala de aula e ou espaços ao ar livre, onde foram debatidos os temas do nascimento de Jesus, e sobre os três reis santos. Durante esse processo, a

religiosidade e a crença dessa gente foram mostradas. Isto se deu através da história, fotos e através das letras das músicas que são cantadas nos rituais durante as apresentações da Folia de Reis. Esta folia narra com fidelidade toda a trajetória bíblica do nascimento de Jesus e dos três Reis Santos.

Uma das primeiras reuniões com o grupo, uma das alunas, perguntou como surgiu a ideia da bandeira, uma pergunta bastante curiosa e interessante. Então, os levei para o laboratório de internet, e juntos passamos a pesquisar. Para nossa surpresa, encontramos um artigo que fala da sua origem.

Segundo a história, a Virgem Maria, em agradecimento à visita que eles fizeram ao Menino Jesus deu aos Reis Santos, o seu manto. Quando, já em retorno, aos seus reinos de origem abriram o manto e viram bordada a cena da visitação, com as imagens deles, a da Sagrada Família, os pastores e os animais. Assim, fizeram do manto uma bandeira e formaram a primeira Companhia de Reis, anunciando ao mundo o nascimento de Jesus. Essa passagem deixou os jovens, bastante interessados. Até sugeriram que fizéssemos um presépio vivo, com encenação dos ritos em praça pública.

Cada personagem que compõe essa Folia foi visto e esclarecido sobre a sua importância dentro do rito. A bandeira foi bastante debatida, visto que cada grupo coloca ao seu centro figuras diferentes de todas, porém, lembram a passagem do nascimento do Menino Jesus. A música e cantos foram, cantados com seus ritmos, embalados por instrumentos, alguns deles fabricados pelos próprios alunos. Para isso foram feitas oficinas, ajudadas pelo professor Gabriel, no Centro Juvenil Dom Bosco e com os hinos (nome dados pelos foliões) que foram gravados pelo grupo de foliões em um CD.

O que mais me chamou a atenção foi que, a maioria dos entrevistados disse que aprendeu a tocar seus instrumentos sozinhos. *Somos inspirados pelo Divino*. Essa frase foi dita por todos. E o Sr. Nilton, que passou a reverenciar a Folia de Reis, depois de uma enfermidade que o deixou, paralítico e sem fala, e que depois de uma promessa de seus pais aos Santos, ele voltou a andar e falar. Hoje ele faz longas orações, que impressionam a quem o assiste. E com orgulho, os componentes do grupo falam: *Quem vê ele pronunciar as palavras, pensam que ele tem letra*.

Nesse universo, onde um folguedo ou uma manifestação cultural de qualquer ordem serve como estímulo para um processo de criação pedagógica, o aprendizado será sempre rico e inovador.

### 3.1 Encontros pedagógicos:

Antes de falar sobre os encontros pedagógicos, quero ressaltar um pouco sobre a Missão Salesiana de Mato Grosso (MSMT), popularmente conhecido como Centro Juvenil de Poxoréu-MT, que é, uma entidade religiosa com sede em Campo Grande/MS, que tem como princípio educar os jovens para os verdadeiros valores, seguindo o método educativo de Dom Bosco, que se fundamenta no tripé: religião-razão-carinho. A Missão Salesiana se faz presente no Estado do Mato Grosso desde 1894, e, em Poxoréu, desde 1941, através da MSMT-São João Batista, com três frentes de trabalho: Paróquia, Hospital e Centro Juvenil. Por meio das obras sociais, possibilita o desenvolvimento de habilidades, conhecimento e exercício dos direitos da pessoa, num ambiente físico social atrativo, dinâmico e criativo, capaz de enfrentar as práticas antissociais que “rondam” as crianças, adolescentes e jovens em seu cotidiano, tendo como pano de fundo o protagonismo juvenil e das respectivas famílias.

Eu venho desenvolvendo há alguns anos, como voluntária, trabalhos de apoio socioeducativo que tem por objetivo contribuir para a prevenção de risco social e pessoal por meio de atividades culturais, nos contra turno-escolar, para crianças, jovens e adolescentes com idade de 06 a 14 anos, de famílias carentes. São jovens que buscam naquele ambiente um segundo lar.

Os encontros acontecem nas terças, quartas e sextas. No primeiro momento, fazemos uma prece, depois alguns exercícios de relaxamento e por fim, sentados em círculo, depois de ouvirmos os jovens em seus anseios, problemas e dúvidas nos seus dia-a-dia, falamos do trabalho que pretendemos realizar. Como já havia preparado, a folia de reis foi percorrida sobre a sua passagem de geração em geração, abordando sobre a importância desse movimento cultural na cultura de Poxoréu, falando sobre a sua origem e como ela chegou a nossa região.

O grupo, no qual desenvolvo as minhas atividades, são na maioria do sexo feminino. São jovens e crianças entre 09 e 14 anos, que tem demonstrado interesses em abranger temas voltados pra nossa cultura e de cunho social. Isso facilita desenvolver estéticas, hábitos e atitudes, além do espírito crítico e de observação. E com facilidade foi promovido o encontro com, alguns componentes do grupo da Folia de Reis, com a comunidade estudantil. Foi com admiração e respeito mútuo, que aconteceram as trocas de saberes estudando o passado,

fazendo uma reflexão e interpretação do presente com uma perspectiva de futuro. Isso provocou nos jovens um maior interesse em relação à Folia e a valorização da cultura local.

Durante esse trabalho que eu desenvolvo na instituição, foi criado juntamente com o professor Gabriel, o grupo “Andarilhos do Serrado”. Onde as crianças cantam cantigas de roda, fazem algumas coreografias, contam causos e declamam versos, nas ruas, praças e instituições etc. No andamento das atividades, fazemos exercícios corporais, de dicção, imitação de voz, oficinas etc. E tendo a Folia de Reis, como prática pedagógica, a sua trajetória histórica, tempo e espaço, os seus coloridos e ritos dão suporte para uma multidisciplinaridade.

Levei o grupo “Andarilhos do Serrado” na Associação Garimpeira de Poxoréu. Ali se encontram velhos garimpeiros, doentes e muito deles esquecidos por seus familiares. Durante a visita, falei com alguns daqueles homens, sobre a Folia de Reis. Foi com ternura nos olhos e demonstrando saudades que eles falaram das suas participações na época. Os estudantes foram bastante atenciosos e demonstraram interesse nos relatos ali feitos. Percebemos o quanto esses gestos levantam a autoestima daqueles que se encontram ali, longe de seus familiares.



Fig.11– Sr. Durvalino (Sossinho) – ensaiando um cântico. (garimpeiro e antigo folião da Folia de Reis/Poxoréu)

As crianças fizeram a sua parte. Os internos se emocionaram. Um senhor que demonstrou bastante debilitado, chorou e disse: *“Que coisa linda, já tinha tempo que eu não via uma coisa assim. Estou aqui esquecido, a minha família me deixou aqui e levou a chave”*. Isso tocou muito fundo às crianças. Aproveitei pra falar, após a visita, um pouco de cidadania, do amor ao próximo, e o respeito com os nossos idosos. A todo tempo, estamos diante de situações que nos arremessa a reflexões e vimos quanto somos essenciais na formação dos mais jovens na lapidação de valores. E os trabalhos que são desenvolvidos no Centro Juvenil, são voltados a temas de cunho social.

As crianças demonstraram carinho e respeito àqueles homens sofridos pela saudade dos seus e debilitados por uma enfermidade ou pela idade. No ônibus de volta, todos comentavam a estadia e pediam que voltássemos outras vezes. Em momento algum, percebi receios por parte das crianças, mesmo diante dos que carregavam uma sonda urinária.

A folia de reis é passada de geração em geração na convivência diária e a sua aprendizagem é com a observação dos mais jovens aos veteranos. Porém em uma comunidade estudantil tem que haver a preocupação de retratar esse movimento com o máximo de cuidados, para não sofrer muita descaracterização, já que se encontra em outro ambiente. E o interesse, dos mais jovens em relação a esse movimento, contribui e muito, para a sua ressignificação. Isso faz que a cultura popular ganhe maior densidade.



Fig. 12 – Marquinho (filho de garimpeiro)



Fig.13. Sr. Eurico. Antigo Folião, ex garimpeiro



Fig14 Sr. Eurico



Fig.15 Manu- (tocava pandeiro na Folia de Reis)

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

A criação de um texto, baseado em depoimentos dos saberes, viveres e fazeres dos grupos, de folia de reis foi bastante excitante. Cada palavra dita, e gestos feitos, foram automaticamente grafados, no intuito de não correr o risco de descaracterização. Embora, o fato de uma manifestação cultural ser tirada do seu meio, já sofre perdas da sua essência. Porém, no intuito de mantê-la acesa, buscou-se o desempenho cultural com um trabalho desenvolvido com metodologia em um ambiente escolar.

Essa pesquisa é de fato, “uma ponta pé inicial” para se criar e aprimorar um acervo bibliográfico para futuras gerações. Pois esse trabalho foca a importância de se adequar a cultura popular Folia de Reis, com metodologia, trabalhando-a em sala de aula, transformando-a em documentos didáticos, que até então, inexistem nas fontes de pesquisas em Poxoréu. Principalmente aqui nessa região, que embora tenha uma diversidade cultural, devido à migração de pessoas de vários lugares na época de sua descoberta, encontra-se bastante carente em registros e recursos que possam contribuir para um estudo e pesquisa nesse contexto.

E para contribuir de alguma forma, com a preservação dessa manifestação cultural, ressaltando a sua valorização como patrimônio, e a ressignificação da memória dessas tradições culturais, a folia de reis de Poxoréu foi trabalhada com alunos do ensino fundamental e alguns do ensino médio, de variadas escolas, que participam da Missão Salesiana D. Bosco – Centro Juvenil de Poxoréu/MT em um processo pedagógico, com encenação dos ritos da Folia de Reis nessa região. Como fechamento de ideias e ideais, a folia de reis como encenação, poderá também multiplicar essa cultura para gerações futuras, como forma dinâmica de manter viva essa tradição, realçando a musicalidade, o colorido, a dinâmica de apresentação, transversalizando-a em apresentações com falas, textos, danças, roteiros diferenciados, envolvendo a juventude, o público estudantil e os artistas locais.

A busca de entender o porquê, de essa manifestação ter perdido força, depois de ser considerada como ícone de um movimento cultural em Poxoréu, se encontra nesta

monografia. A trajetória da Folia de Reis aborda desde a sua origem em outros países até às Grupiaras<sup>4</sup> de Poxoréu/MT-BRASIL.

---

<sup>4</sup> Depósitos diamantíferos



## REFERÊNCIAS

- ALMEIDA, Maria Geralda. **Diversidade paisagística e identidades territoriais e culturais no Brasil sertanejo**. In: ALMEIDA, Maria Geralda; CHAVEIRO, Eguimar Felício;
- ALVES, Aroldo Cândido. **Folia de Reis: Tradição e Identidade em Goiás**. II Seminário de Pesquisa da Pós-Graduação em História UFG/UCG. Goiânia – GO.
- AMORIM, Gaudêncio Filho Rosa de Amorim. Jornal “**O UPENINO**”, ed. 2008. 6
- BARBOSA, Ana Mae. **A imagem no ensino da arte: anos oitenta e novos tempos**. São Paulo: Perspectiva; Porto Alegre: Fundação IOCHPE, 1991.
- BRAGA, Helaine Costa. (Orgs.). **Geografia e Cultura: os lugares da vida e a vida dos lugares**. Goiânia: Editora Vieira, 2008.
- BRANDÃO, C.R. **O que é educação**. 25. ed. São Paulo: Brasiliense, 1989.
- BRANDÃO, Carlos Rodrigues. **A Folia de Reis de Mossâmedes**. Cadernos de Folclore nº 20. Rio de Janeiro: Arte-FUNARTE, Campanha de Defesa do Folclore Brasileiro, 1977.97 Sobre a figura dos palhaços atentar-se para estudos como os de.
- BRANDÃO, Carlos Rodrigues. **Memória do sagrado: estudos de religião e ritual**. São Paulo: Paulinas, 1985.
- CASCUDO, L. da C. Dicionário do folclore brasileiro. vol. 5.
- CASTRO, Zaíde Maciel de e COUTO, Aracy do Prado. **Folia de Reis. Cadernos de Folclore nº 16**. Rio de Janeiro: Arte-FUNARTE, 1977.
- \_\_\_\_\_ Folia de Reis. Sociedade e Cultura, v. 9, n.1, jan./jun.2006. Pp.65 – 76 2004.
- BRASIL. **Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional**. Lei número 9394/96, 20 de dezembro de 1996.
- MOURA, Antônio Paiva. **Turismo e Festas Folclóricas no Brasil**. São Paulo: Contexto.
- OLIVEIRA, Pedro A. Ribeiro de. **Expressões religiosas populares e Liturgia**. In Revista Eclesiástica Brasileira, vol. 43, fasc. 172, dez. 1983, p. 909-948 Beozzo (org.). São Paulo: Paulinas, 1988.
- PESSOA E FELIX, Jadir de Moraes e Madelaine. **As viagens dos Reis Magos**. Goiânia, UCG, 2007.
- PORTO, G. **As Folias de Reis**. Instituto Nacional de Folclore. Rio de Janeiro: MEC/SEC/FUNARTE: 1982.

PORTO, Guilherme. **As Folias de Reis no Sul de Minas**. Rio de Janeiro: MEC/SEC/FUNARTE.

RIOS, Sebastião. **Os cantos da festa do reinado da Nossa Senhora do Rosário e da Folia de Reis**. Sociedade e Cultura, janeiro-junho, ano/volume 09, número 001, Universidade Federal de Goiás: Goiânia: 2006.

TREMURA, Welson. Alves. **A música caipira e o verso sagrado na folia de reis**.

VELOSO, Mariza. Artigo “Patrimônio Imaterial, memória coletiva e espaço público. P.31. publicado em 2000.

#### **Sites de pesquisa:**

Disponível em: <http://www.hist.puc.cl/historis/iaspmla.html>. Acesso 10/09/2014

Disponível em <http://www.cidadespaulistas.com.br/fofia-de-reis/fofia-de-reis.html>. Acesso as 15:25 min dia 06/11/2014.

Disponível em: <file:///C:/Users/Sol/Documents/Debate%20retoma%20proposta%20de%20registro%20imaterial%20da%20fofia%20d>. Acesso às 09:10 min dia 09.11.1014

Disponível em: <http://www.diariodecuiaba.com.br/> - **JORNAL DIÁRIO DE CUIABÁ**. Segunda feira, 10 de novembro de 2014. Edição nº 9856 04/02/2001 – PIMENTEL, Carla – repórter do Diário de Cuiabá/MT.

ARCOVERDE, Silmara Lúcia Moraes – A importância do Teatro na Formação da Criança. 2008 - Disponível em <http://teatroeculturalarroquense.blogspot.com.br/> . Acesso às 13:05 10/11/2014

Disponível em: <http://search.tb.ask.com/> Acesso às 15:30 – 1011.

Disponível em: <http://teatroeculturalarroquense.blogspot.com.br/>

#### **Referência - Fonte Oral**

Antônio Guedes, 85 anos. Garimpeiro, abrigado da Associação Garimpeira. Poxoréu MT.

D. Alice Souza Oliveira

Durvalino Barbosa (sossinho), 83. Garimpeiro, abrigado da Associação Garimpeira. Poxoréu MT.

Eurico de Jesus Carvalho, 79 anos. Garimpeiro, abrigado da Associação Garimpeira. Poxoréu MT.

Florindo de Oliveira – (MUTUCA)

Gabriel Cândido da Silva – estudante de arquitetura (Unic), professor e colaborador no Centro Juvenil Ator, possui vários trabalhos teatrais.

Nilton Ferraris do Gamo

**Garimpeiros que se encontram na Associação Garimpeira:** Albino Soares da Silva, 61, garimpeiro, abrigado da Associação Garimpeira. Poxoréu MT.

Genival Pereira Neves, 82 anos – garimpeiro, abrigado da Associação Garimpeira. Poxoréu MT.

Genival Pereira Neves, 82. Garimpeiro, abrigado da Associação Garimpeira. Poxoréu MT.

Grupo do Divino Pai Eterno:

Aparecido de Souza Gamo (Contramestre)

Cauani de Souza Gamo (Rainha)

Dilce de Souza Gamo (Alferes da Bandeira)

Edenir de Souza Gamo (Tocador)

Nilton Ferraris do Gamo (Embaixador)

Manuel Pereira da Silva (Manu) 62 anos garimpeiro, abrigado da Associação Garimpeira. Poxoréu MT - gostava de tocar pandeiro, hoje se encontra atrofiado.

Reginaldo Pereira, 67 anos. Garimpeiro, abrigado da Associação Garimpeira. Poxoréu MT.